

RAZÕES DE DERROTA

Rubem Braga

Atacando o governo Federal, que chama de hipócrita, o governador interino Rafael de Almeida Magalhães queixa-se de que ele paralisou o país, à espera da posse do governador eleito. Na verdade o país vai indo; estão sendo paralisados apenas os civis e militares que tentam impedir a posse de Negrão de Lima.

O sr. Almeida Magalhães, que num gesto de mau sportman se nega a reconhecer a lisa e limpa vitória do adversário, faz outras considerações e, a certa altura, chega a dizer que «é necessário o reencontro das Forças Armadas com o povo». Naturalmente esse reencontro começaria assim: o setor das Forças Armadas que pensa pela cabeça do sr. Carlos Lacerda, vingaria a derrota deste impedindo a posse do governador eleito pelo povo por maioria absoluta!

O sr. Rafael, que é um móço inteligente, um dia há de reler a entrevista em que diz essas coisas e ficar encabulado ao ver como pôde se deixar levar pela paixão e pelo despeito. Na verdade seria mais razoável que ele, no lugar de tentar induzir um grupo de militares a condenar o veredicto do povo, procurasse estudar porque o povo não deu a vitória ao candidato de um governo de tantos méritos como esse a que ele tão diligentemente serviu. Procurasse, em suma, aprender com o povo.

Estou certo de que entre os motivos dessa derrota do lacerdismo está a incapacidade desse governo em enfrentar um problema que afeta diretamente o povo: o da Polícia. Aquela tenebrosa história do assassinio de mendigos não bastou para decidir o governo a empreender uma reforma séria dos métodos e do pessoal da Polícia. O sr. Lacerda sempre escolheu mal; e nunca se importou com a crítica às autoridades que escolheu. Falo por mim, que apelei com toda a sinceridade para o governador no sentido de pôr cõbre às violências, sa tolices do cel. Gustavo Borges. Minhas críticas não tiveram resultado algum, a não ser algumas cartas e uma entrevista televisada do cel. Borges insultando-me — o que desprezei devidamente.

E até agora, em meio às lágrimas desse final de governo, a Polícia do sr. Borges continua a falhar e a praticar violências. Dizem que o cel. Borges estava fazendo uma reforma muito boa da Polícia. Se fez, o povo não viu seus resultados. A insegurança do cidadão continua a ser total, não só porque os assaltos se multiplicam e ficam quase sempre impunes, como porque a própria ação da Polícia cria essa insegurança. Já não estou falando aqui das torturas de presos políticos, praticadas por funcionários do cel. Borges e o sr. Borer com a tácita aprovação deles e do sr. Lacerda, que jamais pensou em punir os culpados. Estou falando dessas surras de rotina, que muitos policiais continuam a aplicar nos presos para obter confissões de culpados e inocentes!

Leia o sr. Rafael de Almeida Magalhães a reportagem do «Diário de Notícias» do dia 1.º deste mês sobre o caso da móça de 15 anos que apareceu morta na Barra Tijuca. Ali se verá que a culpa do crime está hoje entre um bicheiro e um menor. Mas antes pertenceu a uma jovem manicura e duas amigas suas. Essas três móças haviam confessado o crime. Confessaram à polícia, confessaram à reportagem, confessaram ao povo diante das câmeras da televisão. Estavam entretanto, totalmente inocentes.

Por que confessaram? Leia, sr. Rafael; porque as autoridades da 3a. Subseção de Vigilância de Botafogo prenderam essas três móças e as interrogaram com a ajuda de choques elétricos, palmatória, «liquidificador», «telefone» e «outros processos». Outros processos da polícia do sr. Lacerda da sua polícia, sr. Rafael, pois isso aconteceu em sua governança.

Foi preciso o delegado de Homicídios, sr. José Marques, se encarregar do inquérito para que essas móças contassem que haviam confessado sob torturas. Quem pensou em punir esses policiais criminosos e ineptos de Botafogo? O cel. Borges? O sr. Rafael? Ninguém.

O sr. Rafael estava muito ocupado em orientar politicamente as Forças Armadas do Brasil para perder tempo com uma coisinha tão sem importância.

E assim exatamente que se perde eleição: com sese desprezo soberano pelo que acontece à gente do povo...

DN- 3. 12. 65